

LEITURA E ESCRITA NO CÁRCERE: A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO PRIVADO DE LIBERDADE EM *CONTOS TIRADOS DE MIM*

READING AND WRITING IN PRISON: THE CONSTITUTION OF THE SUBJECT DEPRIVED OF LIBERTY IN *CONTOS TIRADOS DE MIM*

LEER Y ESCRIBIR EN LA CÁRCEL: LA CONSTITUCIÓN DEL SUJETO PRIVADO DE LIBERTAD EN *CONTOS TIRADOS DE MIM*

Gislaine Goulart dos Santos¹

Resumo: O objetivo é analisar dois contos do livro *Contos tirados de mim: a literatura no cárcere* (2016) e verificar como a leitura e a escrita no cárcere constituem o sujeito privado de liberdade. Nesses contos, ele reformula sua existência na leitura, na escrita de si, no desejo de se reintegrar à sociedade.

Palavras-chave: Leitura; escrita; cárcere.

Abstract: The objective is to analyze two tales from the book *Contos tirados de mim: a literatura no cárcere* (2016) and verify how reading and writing in prison constitute the subject deprived of liberty. In these tales, he reformulates his existence in reading, in writing himself, in the desire to reintegrate into society.

Keywords: Reading; writing; prison.

Resumen: El objetivo es analizar dos cuentos del libro *Contos tirados de mim: a literatura no cárcere* (2016) y verificar cómo leer y escribir en prisión constituyen el sujeto privado de libertad. En estos cuentos, el reformula su existencia leyendo, escribiéndose él mismo, en el deseo de reintegrarse a la sociedad.

Palabras clave: Leer; escribir; cárcel.

Introdução

O cárcere foi abordado como tema em diferentes gêneros textuais – cartas, diários, recordações, memórias, etc. –, escritos por renomados autores, como a ficção de Victor Hugo, *O último dia de um condenado* (1829); Antonio Gramsci, *Cartas e cadernos do cárcere* (escritos no período da ditadura fascista italiana); Graciliano Ramos, *Memórias do cárcere* (1953); Fiódor Dostoiévski, *Recordações da casa dos mortos* (1862); esses três últimos retrataram a experiência carcerária que os autores tiveram enquanto presos políticos.

Na década de 2000, o cárcere entrou novamente em cena na literatura contemporânea brasileira por meio da publicação de livros que representam a experiência do preso comum, tais como *Memórias de um sobrevivente* (2001), de Luiz Alberto Mendes; *Sobrevivente André Du Rap (do massacre do Carandiru)* (2002), de autoria do ex-detento José André de Araújo e do jornalista Bruno Zeni; *Diário de um detento: o livro* (2001), de Jocenir; *Pavilhão 9: paixão e morte no Carandiru* (2001), de Hosmany Ramos e Marques Viana; *Vidas do Carandiru* (2002), de Humberto Rodrigues.

A escrita do cárcere por presos políticos que discordavam do regime político de sua época se difere da escrita contemporânea por presos comuns. Essa contextualiza uma realidade na qual a população de encarcerados tem crescido constantemente, assim como a

¹ Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp.

população dos ociosos – exonerados, abandonados, excluídos da vida econômica e social, como constatou Bauman (1998). “Cada vez mais, *ser pobre* é encarado como um crime. Os pobres, longe de fazer jus a cuidado e assistência, merecem ódio e condenação – como a própria encarnação de pecado” (BAUMAN, 1998, p. 59).

Além do crescimento da população carcerária e da população de ociosos nas sociedades contemporâneas, o consumo e os modos de execução das formas de apropriação dos bens classificam a posição social dos indivíduos no espaço social, ou seja, quem não possui recursos para efetivar os atos de consumo sente-se excluído da estrutura social. Isso quer dizer que em uma sociedade de consumo, com baixo poder aquisitivo, movida pelo desejo de posse de determinados bens e, considerando a vulnerabilidade e a exclusão sociais, a ação criminosa pode ser uma forma rápida de acesso ao que se quer adquirir. Há de se considerar as desigualdades sociais em nossa sociedade que levam pessoas a praticarem crimes, como tráfico de drogas ilícitas, por exemplo, como forma de sustento da família.

É comum, no cárcere, encontrarem-se indivíduos de origem pobre, sem instrução, excluídos socialmente e com identidades, potencialmente, prejudicadas. O preso se transforma em um número, um prontuário sem nome, perdendo qualquer traço de individualidade e identidade. Segundo Erving Goffman (2001), a entrada nas instituições prisionais despe o indivíduo de toda concepção de si mesmo, de todas as suas referências sociais estáveis, resultando em um processo de mortificação do eu por meio das estratégias de controle e disciplina representadas por humilhações, degradações e rebaixamentos.

Nesse contexto do cárcere, a remição pela leitura, instituída pela Portaria conjunta de n. 276, de 20 de junho de 2012, tem representado não só uma forma de redução da pena², mas também multiplicado as possibilidades de mediação e ocasiões de promover encontros com os livros, além de possibilitar ao apenado, por meio da leitura, construir-se, descobrir-se e tornar-se um pouco mais autor de sua vida, sujeito de seu destino, mesmo em uma situação desfavorecida (PETIT, 2013). O objetivo deste artigo é analisar dois contos escritos por presos e publicados no livro *Contos tirados de mim: a literatura no cárcere* (2016), organizado por Alex Giotri³, e verificar como a leitura e a escrita no cárcere são importantes para constituição do sujeito privado de liberdade.

Leitura e escrita no cárcere: a redescoberta da própria identidade?

A restrição de liberdade produz um processo de despersonalização do sujeito ao romper suas relações sociais e familiares. A saída desse labirinto prisional (da mente e do corpo) acontece, primeiramente, pela leitura e a escrita complementa esse processo como mecanismos de sobrevivência, resistência e combate à alienação e ao ócio. Como a leitura pode ajudar as pessoas em contextos sociais desfavorecidos?

A experiência da leitura subjetiva, contrária à concepção formalista e, pretensamente, científica, possibilita a “identificação” do sujeito leitor com o texto lido. A leitura é “um espaço psíquico que pode ser o próprio lugar da elaboração ou da reconquista de uma posição de sujeito” (PETIT, 2013, p. 43). Isso porque, para a autora, o leitor não consome passivamente

² Na remição pela leitura, o pagamento da pena se daria em 4 (quatro) dias remidos para cada resenha. Porém, inovando ao limitar em 12 (doze) obras lidas e avaliadas, considerando que o limite de tempo remido pelo custodiado seria de até 48 (quarenta e oito) dias, no prazo de 12 (doze) meses (JF/DEPEN, 2012).

³ O livro *Contos tirados de mim: a literatura no cárcere* (2016) teve início quando o juiz de Execuções Penais da Comarca de Joinville encaminhou para o Presídio Regional e para a Penitenciária uma solicitação, incumbindo os gestores de comunicarem aos reeducandos sobre a possibilidade de escreverem um texto que poderia ser selecionado para compor um livro. Os textos produzidos foram encaminhados ao judiciário e, posteriormente, uma oficina de criação literária no cárcere, organizada por Alex Giotri, foi realizada com o objetivo de transformar os textos dos apenados em contos de ficção a serem publicados por sua editora.

um texto, ele se apropria dele, o interpreta, deturpa seu sentido, desliza seu desejo e suas angústias entre as linhas e as mescla com as do autor. “É aí, em toda essa atividade fantasmática, neste trabalho psíquico, que o leitor se constrói”. (PETIT, 2013, p. 27). Nesse sentido, a leitura possibilita a descoberta e a construção de si mesmo; além de levar o sujeito para outro lugar, onde é possível elaborar a sua história de vida por meio das percepções das imagens construídas no texto pelo escritor que podem ou não ter relação com o seu universo.

Outro ponto que destacamos sobre o processo de leitura é a relação entre ficção e realidade. Wolfgang Iser (1996) afirma que, como estrutura comunicativa, a ficção conecta à realidade um sujeito que, por meio da ficção, se relaciona a uma realidade. Assim, para o autor, em uma ficção, não se trata de evidenciar o que ela significa, mas sim os seus efeitos no leitor, tais como transcendência de sua posição no mundo, autorreflexão, transformação do sujeito. “Durante o processo de constituição de sentido, é de certa maneira o próprio leitor que está sendo constituído; em decorrência do que o leitor produz, algo lhe sucede” (ISER, 1999, p. 80). Para Iser (1996), o texto faz uso, por meio de seus esquemas, da história das experiências individuais de seus leitores, do seu conhecimento prévio; por esse motivo, a leitura de um mesmo texto provoca efeitos diferentes em cada leitor que o lê.

Qual a importância dessa leitura subjetiva em um sistema prisional? A restrição da liberdade distancia o apenado do convívio social; a leitura seria uma forma de ele ter acesso ao conhecimento, apropriar-se da língua e de um mundo muitas vezes desconhecido, reavivar a interioridade, impulsionar o pensamento, construção de sentido. Em muitos, é uma resistência ao caos interior e à exclusão social. Ler é uma poderosa arma de transformação e integra o processo de ressocialização dos apenados.

Muitos escritores leem antes de enfrentar uma página em branco. Mesmo que a pessoa não se torne escritor, a leitura às vezes faz surgir palavras no leitor. “Ao ler, o leitor percebe que existe uma língua distinta da que se usa todos os dias: a língua do relato, da narração, onde os eventos contingentes adquirem sentido em uma história organizada, colocada em perspectiva” (PETIT, 2013, p. 48). Essa língua do relato e da narração, apreendida pela leitura, se manifesta no livro *Contos tirados de mim: a literatura no cárcere* (2016), constituído de 17 contos escritos por detentos que participaram da oficina literária realizada nas dependências da Penitenciária Industrial Jucemar Cesconeto, em Joinville, por Alex Giotri. Esses contos, embora narrados em terceira pessoa, abordam os prisioneiros como sujeitos de suas histórias: seus casos de amor, abandono, ódio, desprezo e seus desejos, como observou Antonio Quinet (2016).

O conto escrito por presos seria uma ficção ou um discurso autobiográfico? Uma escrita de si em terceira pessoa? Para Diana Klinger (2012), a ficção seria superior ao discurso autobiográfico, porque não há uma prioridade em contar a sua vida, mas elaborar um texto no qual a sua vida é a matéria. “Assim, o texto literário, privilegiando a função artística sobre a referencial, seria uma forma mais elaborada e, portanto, ‘mais verdadeira’ que a autobiografia”. (KLINGER, 2012, p. 35). Para a autora, essa ficção não é nem verdadeira e nem falsa, é apenas a ficção que o sujeito cria para si próprio:

É dessa concepção psicanalítica da subjetividade como *produção* que Doubrovsky deriva o conceito de autoficção: ‘A autoficção é a ficção que eu, como escritor, decidi apresentar de mim mesmo e por mim mesmo, incorporando, no sentido estrito do termo, a experiência de análise, não somente no tema, mas também na produção do texto’ (DOUBROVSKY, 1988, p. 77 *apud* KLINGER, 2012, p. 47).

A identidade entre o discurso psicanalítico e a autoficção, segundo Klinger (2012), reside não na crença de que há verdade na ficção, mas no fato de que ambos os discursos operam uma

separação entre “verdade” e “fato”, e propõem uma outra noção de *verdade*. Ou seja, é a verdade que o sujeito da ficção constrói de si e apresenta como uma análise que ele faz da própria experiência no texto; “a verdade da ficção é fictícia” (DOUBROVSKY, 1988 *apud* KLINGER, 2012, p. 47).

Para Käte Hamburger (2013), existe uma tensão conceitual entre criação literária e realidade. Essa tensão significa que, embora aparentemente diferentes ou contrárias, a realidade é o material da criação literária. Assim, para a autora, a relação ficção e realidade, deixando de lado a pesquisa puramente histórica e sociológica que influenciam o romance documentário e o poema biográfico, aponta na “direção da literatura narrativa e dramática, sem, porém, limitar o conceito de ficção, consciente e expressamente, a estes gêneros” (HAMBURGER, 2013, p. 02). A partir do momento em que o texto literário apresenta um ambiente fictício (tempo, lugar pessoas), ele perde sua “realidade”, embora apresente componentes oriundos de uma realidade conhecida.

É esse aspecto de autoficção, realidade e criação literária que lemos nos contos do livro *Contos tirados de mim: a literatura no cárcere* (2016), uma vez que, nesses textos, o narrador, em terceira pessoa, observa, participa e reflete sobre os fatos da vida dos protagonistas como se fosse a vida de uma outra pessoa; são personagens fictícios que os apenados criaram para escrever a própria história.

Contos tirados de mim: escrita de si e identidade

A criação dos contos, segundo o que nos narra Alex Giostri em um dos textos introdutórios do livro, “A escrita como instrumento de crescimento humano”, partiu de cada relato apresentado e dele criou-se uma nova história, ou melhor, uma outra maneira de contar a mesma história, possibilitando que cada uma das pessoas, criadoras, pudesse escolher os destinos de cada um dos personagens envolvidos, os sentimentos e as emoções vivenciadas no papel ao relembrar histórias de vida. Nessa autoficção, os apenados escolhem uma parte de sua vida, recriam e repensam essa história com começo, meio e fim sob um outro olhar; porque já não são mais os mesmos após a leitura de outros livros que precedeu esse processo de escrita (GIOSTRI, 2016).

A elaboração dos textos foi realizada em uma atividade coletiva coordenada por Alex Giostri por três dias consecutivos do mês de janeiro de 2016 com todos os escritores juntos. O projeto consistia em os apenados transformarem seus relatos em um conto com nomes fictícios, podendo inventar o que quisessem, segundo o que Antonio Quinet descreve em outro texto introdutório do livro, “O homem-livro”. Como se Giostri dissesse a eles: “Vocês detentos detêm cada um uma história. Qual a história que os detém? Que história querem contar e dela se libertar?” (QUINET, 2016, p. 19).

Vejamos como é o narrar-se no primeiro conto do livro, “Decisões impensadas”, de Dannylo Cegala de Almeida:

Pedro nasceu em um lar onde a desesperança e a precariedade fizeram com que Joana, a mãe, entregasse a criança aos cuidados da tia. Joana foi mãe do primeiro filho aos 17 anos, quando Diego nasceu, o pai – Carlos – estava desempregado e já fazia parte do submundo paulista. Foi em meados da década de 1980 que Joana anunciou a nova gravidez.

Acreditando estar sem saída, Carlos confiou sua sorte em um lucrativo assalto que lhe garantiria o sustento, por alguns anos, de sua necessitada família, porém foi abraçado pela Justiça, que o separou de sua mulher grávida, com Diego de colo (ALMEIDA, 2016, p. 28).

Pedro é o protagonista do conto; sua vida é perpassada por conflitos que culminaram em desencontros familiares. O primeiro, quando a mãe Joana o entregou para a tia após nascer, por não ter condições de cuidar de mais uma criança com o marido Carlos preso. O segundo, aos seis anos,

quando a mãe buscou de volta o menino que havia doado para a tia, uma vez que, naquele momento, ela tinha um outro companheiro que lhe oferecia segurança, 32 anos mais “experiente”, e o filho mais velho Diego sentia falta de um irmão. O terceiro, quando Carlos, o pai biológico, saiu do cárcere e decidiu ser um pai mais presente, mas Joana ainda estava casada com Roberto que iniciou uma luta para desatar os laços maternais entre Joana e os filhos com receio de que ela reatasse com Carlos. Os dois filhos, Pedro e Diego, foram morar com o pai e a madrasta no litoral.

O quarto desencontro familiar do personagem aconteceu quando o pai Carlos foi preso novamente. Pedro e Diego com catorze e dezesseis anos não podiam permanecer na casa da madrasta e o ciúme e a possessividade do padrasto os impossibilitaram de retornar para a casa da mãe. Pedro tentou redescobrir a família adotiva que morava em uma chácara no interior paulista. O quinto desencontro ocorreu, porque a família adotiva vivia de uma forma diferente da de Pedro, eram evangélicos; ele foi morar sozinho.

A personagem Joana, mãe de Pedro, é central no destino e separação do filho. No primeiro, decidiu doar o menino por não conseguir cuidar sozinha de mais uma criança e por temer os próprios pais que eram, aparentemente, contra a criação e o nascimento de Pedro. No segundo, Roberto, o novo marido de Joana, é favorável à decisão de ela buscar o filho que doou para a tia. No terceiro, ela não é contrária à decisão do marido de abster-se da companhia dos filhos que foram morar com o pai e a madrasta. No quarto, após a prisão do pai, os filhos não retornaram para mãe, devido à possessividade de Roberto, o padrasto. Joana, nesse conto, é caracterizada como uma mulher submissa, refém da decisão do outro, sobretudo de Roberto. Ou seja, há uma falta de identidade do personagem Pedro, pela desestrutura familiar; e também da mãe, por deixar que outros decidissem a sua vida e a de seus filhos ou mesmo não ter/encontrar outra alternativa. Essa ausência de identidade acarretou a falta de liberdade de Pedro e da mãe, essa última lhe foi tirado o direito de escolha de ficar com os filhos.

Toda a desestrutura familiar não garantiu a Pedro uma estabilidade na vida; não tem posto fixo, como lemos abaixo sobre a situação de sua vida até uma nova mudança:

O menino decidiu morar sozinho. Foi ao Mato Grosso do Sul tentar ser convocado para o alistamento militar, encontrou dificuldades e, desestruturado, descrente de sua capacidade, se rendeu ao obstáculo e à ilusão de uma oferta de trabalho como motorista de uma famosa casa de show, em Campo Grande. [...] Já não acertava uma escolha e se permitia aos vícios oferecidos pelo seu padrão de vida (ALMEIDA, 2016, p. 30).

Esse trecho do conto revela a reflexão do narrador onisciente sobre a desestrutura psicológica do personagem Pedro que interferirá na nova mudança de vida. Após quatro anos vivendo no Mato Grosso do Sul, decidiu não continuar ali, mas não sabia a quem recorrer, estava sem objetivo concreto. Seguiu às escuras para Santa Catarina onde se apaixonou por Jessica. Parecia que, finalmente, Pedro teria uma vida feliz; até sua namorada revelar uma gravidez inesperada e Pedro viver a mesma situação de seu pai Carlos. Desesperado com a situação de ser pai e ter uma família para cuidar, Pedro cometeu um assalto, foi preso e abandonado pela namorada que perdeu o filho.

O enredo do conto gira em torno da retrospectiva da história de vida do personagem desde a gestação, os desencontros familiares, as complicações da vida, a desigualdade social já enunciada na primeira frase do conto, até a sua prisão. Os tantos lugares por onde passou e viveu até ir para a prisão também contribuem para a instabilidade do personagem. Apesar do desencadear de todos esses fatos da vida, os dois últimos parágrafos não representam um desfecho final da história, mas encaminha para uma reflexão do narrador sobre a vida do personagem:

Durante a sua estada no cárcere, Pedro descobriu, repensando a vida, que viver, que a falta de coragem para enfrentar as adversidades, é a maior causa do fracasso humano.

Ainda preso, Pedro já possuía uma visão mais ampla do mundo, no entanto, ainda não tinha um objetivo fixo a seguir. Só o que sabia até o fim desta história é que a sua meta era a felicidade. E que cabia a ele decidir se iria em busca dela ou não (ALMEIDA, 2016, p. 30).

Ao reviver e refletir sobre a trajetória de vida de Pedro imersa em conflitos e desencontros familiares, o narrador nos mostra que houve uma evolução no pensamento do personagem e, embora não conheçamos o fim da história, ele ainda continua sem objetivo fixo, como antes, mas há uma meta: a felicidade. Contar e se libertar desta história que aprisiona a alma do sujeito é uma forma de encontrar sua origem, identidade e liberdade. Sem esse encontro é difícil continuar a viver e contar uma história diferente.

No conto, não importa averiguar se há verdade ou falsidade nos fatos: o que existe é já a ficção, a arte de inventar um modo de se representar algo em uma linguagem simples e direta na organização dos fatos. No texto, não há uma ação principal; o enredo se dispõe de acontecimentos da vida de Pedro em ordem linear que vão se desdobrando em outras complicações, além de revelar as incapacidades, a desestrutura da família e, conseqüentemente, do personagem e a repetição da vida do pai Carlos na sua própria ao ter que cometer o assalto para sustentar a família que, no caso de Pedro, não se concretizou, quando Jéssica perdeu o filho.

No conto “Caminho sem volta”, de Elizabete Oliveira Dias, o narrador onisciente revela, no primeiro parágrafo e por meio de uma linguagem rica em imagens, o local onde se encontra a protagonista: “Da janela, por entre as grades, Lúcia olhava o céu e relembrava sua infância” (DIAS, 2016, 44); e a descrição de elementos que despertam as lembranças de um tempo passado: “Via uma lua prateada que nascia sorridente no horizonte e com graça iluminava a noite escura. Era primavera, o ar tinha cheiro de flores e relva e Lúcia lutava contra as lembranças ao sentir aquele perfume que lhe trazia tantas recordações” (DIAS, 2016, p. 44). Essas descrições dão início à história de vida da protagonista, como era antes de chegar aonde está.

No segundo parágrafo, o narrador penetra fundo na vida de Lúcia e descreve o lugar onde ela vivia com a família: “casa rodeada por varandas, pomares e flores da estação. [...] As plantações beiravam uma vertente que brotava entre as pedras, causando a impressão de reino encantado ao lugar” (DIAS, 2016, p. 44). A imagem “reino encantado” retrata um lugar harmonioso e tranquilo com toda a natureza interagindo com a família, o que mostra uma infância calma e equilibrada.

No terceiro parágrafo, lemos a descrição dos membros da família, os pais Ana e Roberto e mais os três irmãos. A mãe, Ana, “ostentava mansidão e firmeza de caráter. Tinha os olhos ternos, meigos e pretos como jabuticabas, que se destacavam mais ainda entre os primeiros fios de cabelos brancos que surgiram dando-lhe serenidade” (DIAS, 2016, p. 44). O pai, Roberto, “por descendência, tinha os traços europeus, porém sua altura era mediana” (DIAS, 2016, p. 44). Os irmãos herdaram do avô paterno a estrutura óssea. Lúcia era a fotocópia da mãe. A família é, aparentemente, organizada, sem brigas e desavenças e as duas mulheres reinavam no universo masculino composto pelo pai e mais os três irmãos.

O conto começou pela situação inicial da protagonista: aprisionada. O narrador retratou as lembranças de Lúcia e a levou para a vida que desfrutava junto com a família até começarem a complicações de sua adolescência em Marialva, interior no Paraná, onde a família foi trabalhar no cultivo de uva. Lúcia mudou seu comportamento sem que os pais pudessem compreender o motivo: ela não gostava de estudar e passava as tardes com alguns amigos na pracinha da cidade ou andando pela rua.

Após a mudança de comportamento de Lúcia, surgiram alguns conflitos em sua vida. Lúcia conheceu Rodrigo, filho do delegado, a quem o narrador faz a seguinte descrição: ele era vândalo ao extremo, arrogante e presunçoso a ponto de não transparecer nenhuma beleza especial; aos olhos de Lúcia, ele era encantador e gentil, parecia um artista que ela vira em algum filme. Ela se apaixonou por Rodrigo e ele a apresentou para o mundo das drogas, do álcool e do crime. Mãe e filha discutiram, Lúcia fez as malas e saiu de casa, sem rumo, ao lado de Rodrigo.

O narrador não descreveu o motivo da prisão de Lúcia e em nenhum momento do conto aparece que ela foi presa ou está na prisão; subentendemos essa informação no primeiro parágrafo: “da janela, por entre as grades”. O desfecho final é uma reflexão, um sentimento de culpa por não ter ouvido a mãe. “Compreendia que não tinha mais como voltar atrás, percorrera um caminho sem volta. Perdera a liberdade que poderia vir a ter, para a tão sonhada liberdade da juventude” (DIAS, 2016, p. 46).

Não há uma linearidade total da narrativa do conto. Começa pela descrição do céu, da lua e da primavera por entre as grades da janela, situação atual de Lúcia. Depois, estimulada pelas recordações, o narrador leva a protagonista a reviver e a refletir sobre a vida; lembranças que aparecem em forma de imagens da casa onde morava, dos membros da família, sobretudo da mãe, de sua infância, de sua adolescência e das decisões que fizeram com que ela chegasse até ali, como se o narrador estivesse dentro da memória da protagonista. Essas recordações são seguidas por julgamentos reflexivos, sobretudo quando se refere à mãe: “Agora ao olhar a lua prateada, Lúcia voltava no tempo e lembrava sua primeira noite de liberdade, imaginava as lágrimas nos olhos de sua mãe” (DIAS, 2016, p. 46).

O leitor pode se questionar como em um ambiente e com uma família estruturada isso foi acontecer? O próprio narrador dá a pista: Lúcia era uma adolescente e se apaixonou por Rodrigo e não conseguiu enxergar a verdadeira pessoa que ele era, levando-a a não ouvir os conselhos da mãe. A falsa liberdade que Rodrigo proporcionava a Lúcia a fez perder sua identidade, sua liberdade e falta de contato com o mundo lá fora e o bom convívio que tinha com a família.

Nos dois contos, o narrador narra o passado dos dois protagonistas, Pedro e Lúcia, antes de perderem a liberdade e liga a essa história de vida selecionada uma reflexão final, quando o sentido da vida se constrói na própria narração. Na narrativa, mesmo com o narrador em terceira pessoa, emerge um sujeito não mais aprisionado por aquela história, registrada e organizada em uma folha em branco, mas um sujeito que deseja recomeçar uma nova vida, ainda ficcionalizada, mas que deseja ser real, por ter nesse processo de leitura e escrita apresentado alguma face diferente da que ele tinha até então. Falar de si possibilita refletir sobre a vida expor o que há de mais íntimo para restaurar-se.

A escrita, nos contos, surge como uma forma de resistência e sobrevivência. No final de cada conto, há um caráter autorreflexivo, uma vez que o sujeito, não mais aprisionado por sua história, ficcionaliza o real vivido e, ao narrar-se, reflete sobre sua vida e toma consciência da culpabilidade que constitui uma verdadeira revolução da experiência do mal, originária do “mau uso da liberdade, sentido como uma diminuição íntima do valor do si” (RICOEUR, 2015, p. 119). O mal aprisiona a vida dos jovens detentos dos contos e está relacionado às ações criminosas pela posse ilegal de objetos, pelo falso poder de compra que, segundo os valores consumistas, visa construir uma identidade social (MELO; ASSIS, 2014) e até mesmo como uma forma de sustentar as necessidades da família. Pensando no contexto do Brasil, a história narrada nos contos é uma realidade muito presente: desestrutura familiar, tráfico, gravidez na adolescência, desigualdade social, desemprego. Como sair desse ciclo?

Considerações finais

No livro *Contos tirados de mim*, há um primeiro momento de construção do sujeito pela leitura, a possibilidade de se relacionar com a história e os personagens lidos, e depois um momento de escrever a sua própria história para que outros também possam se identificar com ela. Os sujeitos privados de liberdade, nos demais contos do livro, escolhem a história a ser narrada, algumas são criações de uma família que passa por dificuldades, as supera e é feliz, sem mencionar fatos relacionados à prisão; é um momento de imaginar uma vida fora dali e uma história diferente. Em outras, a trajetória de vida de assalto e crime do pai se repete na vida do filho; histórias de abandono, amizades erradas, vícios, consumismo, desigualdade social, amor, ódio, família unida. Nestes contos, não importa se a história é real ou imaginada, tudo é ficção. Narrar-se é libertar-se e redescobrir-se, apresentar o que povoa em silêncio na mente de cada personagem em um pedaço de papel. Se não é possível libertar o corpo do cárcere, é importante que a mente também não esteja presa e, nesse exercício de criação e imaginação, os sujeitos combatem a solidão.

Nestes contos, o sujeito privado de liberdade reformula sua existência na leitura, na escrita de si, no desejo de se reintegrar à sociedade e ser feliz. A literatura ressignifica esse estado de despersonalização do sujeito, um caminho para sair do labirinto no qual o sujeito privado de liberdade se encontra no sistema prisional. Ler esses contos tirados de mim, é uma forma de refletir sobre a sociedade onde vivemos. Esta escrita também é uma forma de mostrar para a sociedade “livre” que os presos não são “animais desequilibrados” transformados em “almas incompatíveis”, e, portanto, corpos esvaziados de significação social. Dentro desses corpos há almas que anseiam a felicidade e um mundo mais justo.

A leitura subjetiva é uma aposta em seu papel fundamental para a construção e a reconstrução do sujeito e de sua identidade, já que as famílias estão cada vez mais desestruturas; particularmente, em contextos de desigualdade ou de grande violência social, porque tem o poder de despertar em nós regiões que estavam até então adormecidas, daí a importância da democratização da leitura, não somente no cárcere, mas em todos os espaços. Não queremos com isso afirmar que a leitura irá reparar o mundo das desigualdades ou da violência, mas contribuirá para que crianças, adolescentes e adultos se encaminhem no sentido mais do pensamento do que da violência, como afirmou Michèle Petit (2013). A leitura permite abrir possibilidades onde parecia não existir; a escrita complementa esse processo.

Referências

- ALMEIDA, Dannylo Cegala de. Decisões impensadas. In: GIOSTRI, A. (Org.). *Contos tirados de mim: a literatura no cárcere*. São Paulo: Giostri, 2016. p. 28-30.
- BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Trad. M. Gama e C. M. Gama. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- DIAS, Elizabete Oliveira. Caminho sem volta. In: GIOSTRI, A. (Org.). *Contos tirados de mim: a literatura no cárcere*. São Paulo: Giostri, 2016. p. 44-45.
- GIOSTRI, Alex. A escrita como instrumento de crescimento humano. In: GIOSTRI, Alex (Org.). *Contos tirados de mim: a literatura no cárcere*. São Paulo: Giostri, 2016. p. 11-14.
- GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. Trad. D. M. Leite. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

HAMBURGER, Käte. *A lógica da criação literária*. Trad. M. P. Malnic. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

ISER, Wolfgang. *O ato de leitura: uma teoria do efeito estético*. v. 1. Trad. J. Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1996.

ISER, Wolfgang. *O ato de leitura: uma teoria do efeito estético*. v. 2. Trad. J. Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1999.

JUSTIÇA FEDERAL. Diretor-Geral do Departamento Penitenciário Nacional. *Portaria Conjunta JF/DEPEN n.º 276, de 20 de junho de 2012*. Disciplina o projeto da remição pela leitura no sistema penitenciário federal. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/dl/portaria-conjunta-jf-depen.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2020.

KLINGER, Diana. *Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica*. 3. ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

MELO, Patricia Bandeira de; ASSIS, Rodrigo Vieira de. Mídia, consumo e crime na juventude: a construção de um traçado teórico. *Caderno CRH*, Salvador, v. 27, n. 70, p. 151-164, jan./abr. 2014. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ccrh/v27n70/11.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2020.

PETIT, Michèle. *Leituras: do espaço íntimo ao espaço público*. Trad. C. O. Souza. São Paulo: Ed. 34, 2013.

QUINET, Antonio. O homem-livro. In: GIOSTRI, A. (Org.). *Contos tirados de mim: a literatura no cárcere*. São Paulo: Giostri, 2016, p. 17-21.

RICOEUR, Paul. *A simbólica do mal*. Trad. H. Barros e G. Marcelo. Lisboa: Edições 70, 2015.

Sobre a autora

Gislaine Goulart dos Santos. Doutora e mestre em Teoria e História Literária pelo Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), graduada em Letras pelo Centro Universitário de Votuporanga. Servidora pública na Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp, atuando no suporte às disciplinas e uso de recursos tecnológicos no curso de graduação em Medicina.

E-mail: gigoulart@yahoo.com.br.